



ACÓRDÃO N°:
3ª CÂMARA CÍVEL ISOLADA
AGRAVO INTERNO NO AGRAVO DE INSTRUMENTO N° 0087763-53.2015.8.14.0000
AGRAVANTE: MUNICÍPIO DE BELÉM
PROCURADOR: JOSÉ ALBERTO SOARES VASCONCELOS
AGRAVADO: DECISÃO MONOCRÁTICA DE FLS. 97/99
RELATORA: DESª. MARIA FILOMENA DE ALMEIDA BUARQUE

AGRAVO INTERNO NO AGRAVO DE INSTRUMENTO. DECISÃO MONOCRÁTICA. CONCURSO PÚBLICO. APROVADO DENTRO DO NÚMERO DE VAGAS PREVISTAS NO EDITAL. CONCURSO DENTRO DO PRAZO DE VALIDADE. DIREITO LÍQUIDO E CERTO. POSSIBILIDADE DE JULGAMENTO MONOCRÁTICO.

I - Durante o prazo de validade do concurso, tem a Administração Pública o legítimo poder discricionário de nomear os candidatos aprovados no limite das vagas oferecidas quando bem lhe aprouver, dentro de eventual programa de nomeações visando à adequação aos interesses administrativos.

II - O direito subjetivo à nomeação do classificado somente se torna exigível judicialmente após o término do prazo de validade do certame, quando o ato visando ao aproveitamento do candidato aprovado, de discricionário, passa à condição de vinculado. Precedentes.

III - Recurso conhecido e negado provimento.

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos os autos.

Acordam os Excelentíssimos Senhores Desembargadores do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado do Pará, integrantes da 3ª Câmara Cível Isolada, por unanimidade, conhecer do recurso e negar-lhe provimento, tudo nos termos relatados pela Desembargadora Relatora.

Turma Julgadora: Desa. Maria Filomena de Almeida Buarque (Relatora), Desa. Nadja Nara Cobra Meda (Presidente) e Juíza convocada Rosi Maria Gomes de Farias.

Plenário da 3ª Câmara Cível Isolada, 25 de agosto de 2016.

MARIA FILOMENA DE ALMEIDA BUARQUE

Desembargadora Relatora

3ª CÂMARA CÍVEL ISOLADA

AGRAVO INTERNO NO AGRAVO DE INSTRUMENTO N° 0087763-53.2015.8.14.0000

AGRAVANTE: MUNICÍPIO DE BELÉM

PROCURADOR: JOSÉ ALBERTO SOARES VASCONCELOS

AGRAVADO: DECISÃO MONOCRÁTICA DE FLS. 97/99

RELATORA: DESª. MARIA FILOMENA DE ALMEIDA BUARQUE

RELATÓRIO

A EXMA. SRA. DESEMBARGADORA MARIA FILOMENA DE ALMEIDA BUARQUE
(RELATORA):



Trata-se de AGRADO INTERNO interposto pelo MUNICÍPIO DE BELÉM, nos autos do Mandado de Segurança, impetrado por MARCIO CRAVO DIAS, diante de seu inconformismo com a decisão monocrática de fls. 97/99.

A decisão monocrática ora agravada conheceu o agravo de instrumento e negou seguimento, conforme segue:

AGRAVO DE INSTRUMENTO. DECISÃO QUE CONCEDEU LIMINAR PARA NOMEAR O IMPETRANTE. IMPETRANTE APROVADO DENTRO DO NÚMERO DE VAGAS PREVISTO NO EDITAL DO CERTAME. DIREITO SUBJETIVO RECONHECIDO.

I – Antes do fim da vigência do certame, o candidato possui mera expectativa de direito de ser nomeado para o cargo em que restou aprovado, isto é, somente passará a ter como certa a sua nomeação após a data do encerramento do prazo de validade do certame.

II – A classificação do autor ocorreu dentro do número de vagas constante do instrumento convocatório.

III – Recurso a que se nega seguimento, na forma do art. 557, caput, do CPC.

Em suas razões do Agravo Interno (fls. 107/113) o Agravante insurge-se contra a monocrática, afirmando que o Agravante não possui direito líquido e certo, pois impetrou o mandado de segurança após a expiração do prazo de validade do certame, pelo que deve ser reformada a decisão agravada.

Por fim, pugna pelo conhecimento e provimento do Agravo Interno.

É o relatório.

VOTO

Preenchidos os requisitos de admissibilidade recursal, conheço do presente recurso.

Primeiramente, ressalto que não assiste razão ao agravante e por este motivo reitero meu posicionamento anteriormente firmado na monocrática ora agravada.

Os precedentes dos Tribunais locais e superiores direcionam no sentido de que antes do fim da vigência do certame, o candidato possui mera expectativa de direito de ser nomeado para o cargo em que restou aprovado, isto é, somente passará a ter como certa a sua nomeação após a data do encerramento do prazo de validade do certame.

Durante o prazo de validade do concurso, tem a Administração Pública o legítimo poder discricionário de nomear os candidatos aprovados no limite das vagas oferecidas quando bem lhe aprouver, dentro de eventual programa de nomeações visando à adequação aos interesses administrativos.

O direito subjetivo à nomeação do classificado somente se torna exigível judicialmente após o término do prazo de validade do certame, quando o ato visando ao aproveitamento do candidato aprovado, de discricionário, passa à condição de vinculado.



In casu, verifico que o prazo de validade do concurso foi de 02 (dois) anos sem prorrogação, tendo sido homologado o seu resultado em 10/05/2013 (fls. 60/64), tendo em vista que o writ foi impetrado em 03/08/2015 (fls. 10), após o término de validade do certame, portanto, considero que o agravado se utilizou do presente remédio constitucional no momento adequado para alcançar o seu direito, ou seja, após o fim do prazo de validade do certame e dentro do prazo decadencial do mandamus.

Ademais, cumpre salientar que o edital regulador do certame n° 01/2012, anexo 03, item 1.1 previu para o cargo de Soldador, 06 (seis) vagas (fls. 45/46), para a qual se classificou a impetrante na 2ª colocação, conforme documento de fls. 63 dos autos.

O Supremo Tribunal Federal, aliás, reconheceu a existência de repercussão geral acerca do direito subjetivo à nomeação em casos tais, proclamando que o dever de boa-fé da Administração exige o respeito incondicional às regras do edital, inclusive quanto à previsão das vagas do concurso público. É o que se colhe da ementa do acórdão – RE n° 598099, Relator Ministro GILMAR MENDES, Tribunal Pleno, julgado em 10.8.2011 – a seguir colacionada:

RECURSO EXTRAORDINÁRIO. REPERCUSSÃO GERAL. CONCURSO PÚBLICO. PREVISÃO DE VAGAS EM EDITAL. DIREITO À NOMEAÇÃO DOS CANDIDATOS APROVADOS. I. DIREITO À NOMEAÇÃO. CANDIDATO APROVADO DENTRO DO NÚMERO DE VAGAS PREVISTAS NO EDITAL. Dentro do prazo de validade do concurso, a Administração poderá escolher o momento no qual se realizará a nomeação, mas não poderá dispor sobre a própria nomeação, a qual, de acordo com o edital, passa a constituir um direito do concursando aprovado e, dessa forma, um dever imposto ao poder público. Uma vez publicado o edital do concurso com número específico de vagas, o ato da Administração que declara os candidatos aprovados no certame cria um dever de nomeação para a própria Administração e, portanto, um direito à nomeação titularizado pelo candidato aprovado dentro desse número de vagas. II. ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. PRINCÍPIO DA SEGURANÇA JURÍDICA. BOA-FÉ. PROTEÇÃO À CONFIANÇA. O dever de boa-fé da Administração Pública exige o respeito incondicional às regras do edital, inclusive quanto à previsão das vagas do concurso público. Isso igualmente decorre de um necessário e incondicional respeito à segurança jurídica como princípio do Estado de Direito. Tem-se, aqui, o princípio da segurança jurídica como princípio de proteção à confiança. Quando a Administração torna público um edital de concurso, convocando todos os cidadãos a participarem de seleção para o preenchimento de determinadas vagas no serviço público, ela impreterivelmente gera uma expectativa quanto ao seu comportamento segundo as regras previstas nesse edital. Aqueles cidadãos que decidem se inscrever e participar do certame público depositam sua confiança no Estado administrador, que deve atuar de forma responsável quanto às normas do edital e observar o princípio da segurança jurídica como guia de comportamento. Isso quer dizer, em outros termos, que o comportamento da Administração Pública no decorrer do concurso público deve se pautar pela boa-fé, tanto no sentido objetivo quanto no aspecto subjetivo de respeito à confiança nela depositada por todos os cidadãos. III. SITUAÇÕES EXCEPCIONAIS. NECESSIDADE DE MOTIVAÇÃO. CONTROLE PELO PODER JUDICIÁRIO. Quando se afirma que a Administração Pública tem a obrigação de nomear os aprovados dentro do número de vagas previsto no edital, deve-se levar em consideração a possibilidade de situações excepcionálíssimas que justifiquem soluções diferenciadas, devidamente motivadas de acordo com o interesse público. Não se pode ignorar que determinadas situações excepcionais podem exigir a recusa da Administração Pública de nomear novos servidores. Para justificar o excepcionálíssimo não cumprimento do dever de nomeação por parte da Administração Pública, é necessário que a situação justificadora seja dotada das seguintes características: a) Superveniência: os eventuais fatos ensejadores de uma situação excepcional devem ser necessariamente posteriores à publicação do edital



do certame público; b) Imprevisibilidade: a situação deve ser determinada por circunstâncias extraordinárias, imprevisíveis à época da publicação do edital; c) Gravidade: os acontecimentos extraordinários e imprevisíveis devem ser extremamente graves, implicando onerosidade excessiva, dificuldade ou mesmo impossibilidade de cumprimento efetivo das regras do edital; d) Necessidade: a solução drástica e excepcional de não cumprimento do dever de nomeação deve ser extremamente necessária, de forma que a Administração somente pode adotar tal medida quando absolutamente não existirem outros meios menos gravosos para lidar com a situação excepcional e imprevisível. De toda forma, a recusa de nomear candidato aprovado dentro do número de vagas deve ser devidamente motivada e, dessa forma, passível de controle pelo Poder Judiciário. IV. FORÇA NORMATIVA DO PRINCÍPIO DO CONCURSO PÚBLICO. Esse entendimento, na medida em que atesta a existência de um direito subjetivo à nomeação, reconhece e preserva da melhor forma a força normativa do princípio do concurso público, que vincula diretamente a Administração. É preciso reconhecer que a efetividade da exigência constitucional do concurso público, como uma incomensurável conquista da cidadania no Brasil, permanece condicionada à observância, pelo Poder Público, de normas de organização e procedimento e, principalmente, de garantias fundamentais que possibilitem o seu pleno exercício pelos cidadãos. O reconhecimento de um direito subjetivo à nomeação deve passar a impor limites à atuação da Administração Pública e dela exigir o estrito cumprimento das normas que regem os certames, com especial observância dos deveres de boa-fé e incondicional respeito à confiança dos cidadãos. O princípio constitucional do concurso público é fortalecido quando o Poder Público assegura e observa as garantias fundamentais que viabilizam a efetividade desse princípio. Ao lado das garantias de publicidade, isonomia, transparência, impessoalidade, entre outras, o direito à nomeação representa também uma garantia fundamental da plena efetividade do princípio do concurso público. V. NEGADO PROVIMENTO AO RECURSO EXTRAORDINÁRIO. (RE 598099, Relator(a): Min. GILMAR MENDES, Tribunal Pleno, julgado em 10/08/2011, REPERCUSSÃO GERAL - MÉRITO DJe-189 DIVULG 30-09-2011 PUBLIC 03-10-2011 EMENT VOL-02599-03 PP-00314)

Assim também entende os Tribunais Pátrios:

REMESSA NECESSÁRIA. MANDADO DE SEGURANÇA. CONCURSO PÚBLICO. NOMEAÇÃO. APROVAÇÃO DENTRO DO NÚMERO DE VAGAS. PRAZO DE VALIDADE DO CERTAME EXPIRADO. INÉRCIA DO PODER PÚBLICO. DIREITO LÍQUIDO E CERTO. MANUTENÇÃO DA SENTENÇA.

É entendimento sedimentado na doutrina e jurisprudência que o candidato aprovado em certame público classificado dentro do número de vagas previsto no edital possui não mera expectativa de direito, senão um direito subjetivo à nomeação, vez que a publicação do Edital vincula a Administração Pública ao cumprimento do quanto ali disposto. Desta feita, tendo a Impetrante sido aprovada em concurso público dentro do número de vagas ofertadas no edital e impetrado mandado de segurança, expirado o prazo de validade do certame impõe-se à Administração Pública sua nomeação.

(TJBA – 00114171120088050274 – Segunda Câmara Cível – Julgado: 17/12/2013, Publicado: 20/12/2013) [grifei]

APELAÇÃO CÍVEL. CONCURSO PÚBLICO. APROVAÇÃO DENTRO DO NÚMERO DE VAGAS PREVISTAS NO EDITAL. PRAZO DE VALIDADE EXPIRADO. AUSÊNCIA DE NOMEAÇÃO. DIREITO LÍQUIDO E CERTO. PRECEDENTES. RECURSO CONHECIDO E DESPROVIDO.

- Não carece de interesse a ação intentada quando já expirado o prazo de validade do concurso público, em razão da controvérsia não envolver atos da Administração atinentes à ocorrência do certame, mas sim referente a nomeação de candidata aprovada, enquanto válido o certame e dentro do prazo decadencial, que somente se inicia a partir do término de validade do respectivo concurso.

- Possui direito subjetivo à nomeação para o cargo a que concorreu, à candidata aprovada dentro do número de vagas previstas no edital, diante da patente necessidade da nomeação.

(TJRN - AC 16743 RN 2010.001674-3 – Relator: Amilcar Maia – 1ª Câmara Cível – Julgado: 22/06/2010) [grifei]

Desta forma, é imperiosa a manutenção da decisão agravada.



Ante o exposto, CONHEÇO e NEGO PROVIMENTO ao Agravo Interno, nos termos da fundamentação ao norte exposta.

É como voto.

PRI.

À Secretaria para as providências.

Belém, 25 de agosto de 2016.

MARIA FILOMENA DE ALMEIDA BUARQUE
Desembargadora Relator